

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA NO CASO DA EMIGRAÇÃO BRASILEIRA

Camila Escudero*

 <https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>

Como citar este artigo: ESCUDERO, C. Comunicação intercultural e português como língua de herança no caso da emigração brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO18232>

Submissão: 13 de setembro de 2025. **Aceite:** 7 de janeiro de 2026.

Resumo: Este artigo aborda as correlações entre comunicação intercultural (CI) e português como língua de herança (PLH), em uma perspectiva teórico-metodológica atrelada às migrações internacionais. Após realização de pesquisa bibliográfica direcionada para o tema dos brasileiros no exterior, apontamos para a existência de uma matriz comum de séries e recursos entre ambos os conceitos que compõem um sistema de organização e vinculação do grupo estudado capaz de fomentar, com ressalvas, a construção de identidades, pertencimentos, visibilidades e reconhecimentos.

Palavras-chave: Comunicação intercultural. Português como língua de herança. Brasileiros no exterior. Migrações internacionais. Identidades.

* Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: camilaescudero@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo (Rosa, 1994, p. 52).

No amplo quadro dos processos migratórios internacionais, a emigração brasileira é considerada recente – foi apenas nos anos 1980 que passaram a ser registrados fluxos de pessoas mais sistematizados e constantes do Brasil para outros países, especialmente Estados Unidos e Japão, bem como para o continente europeu (Organização Internacional para Migrações, 2022). Hoje, sabe-se que se trata de uma população numericamente significativa, estimada em 4,9 milhões de pessoas (Ministério das Relações Exteriores, 2024), dispersa e heterogênea, com diversidade de ações e processos interativos constatados. Entre tantos reconhecimentos, todos atrelados, de certa maneira, às características próprias da globalização contemporânea, figuram aspectos de ordens individual e social, como a circulação de bens e saberes, a construção de novas identidades e novos significados, o aprendizado de outros idiomas, a incorporação de novos hábitos, costumes e tradições, e os múltiplos usos e apropriações das tecnologias de comunicação e informação (TIC), para citar apenas alguns exemplos.

Nesse contexto de conexão, mobilidade e interacionismo, favorecido por lentes transnacionais e interculturais e de subjetividades, a língua e a comunicação – compreendidas, aqui, como sistemas de organização e vinculação de um grupo social – merecem atenção especial. Isso ocorre porque não é só a barreira do aprendizado de um novo idioma que muitos brasileiros migrantes, quando passam a viver em outro país, precisam superar, na maioria dos casos, para a efetiva integração na sociedade de destino, mas, simultaneamente, e dependendo das condições do deslocamento, autopercebem-se em meio a desafios relacionados à manutenção de sua própria língua de origem, no caso, o português, a fim de garantir espaços mediados de natureza representativa, simbólica e afetiva marcados pela condição migratória.

Assim, o presente artigo objetiva discutir as correlações entre dois conceitos bastantes específicos: comunicação intercultural (CI) e português como língua de herança (PLH), em uma perspectiva teórico-metodológica atrelada ao contexto das migrações internacionais. Interessa-nos saber de que forma ambos se articulam no que se refere à situação de brasileiros que vivem no exterior, de forma mais precisa, na potencialidade de construção de identidades e no sentimento de pertencimento, além das condições de visibilidade e da luta por reconhecimento.

Para isso, propomos um estudo de abordagem qualitativa e natureza exploratória baseado em pesquisa bibliográfica, conforme recomendações de Lima e Mioto (2007). Segundo as autoras, como técnica de pesquisa única a ser utilizada em um trabalho científico, trata-se de uma modalidade que implica um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções atreladas a um objeto de estudo específico. É constituída pelas seguintes etapas: 1. leitura de reconhecimento do material bibliográfico; 2. leitura exploratória; 3. leitura seletiva; 4. leitura reflexiva ou crítica; e 5. leitura interpretativa.

Este artigo está dividido em três partes principais, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, procuramos percorrer, brevemente, sobre a origem dos conceitos de CI e PLH à luz dos estudos migratórios, de maneira

interdisciplinar. Na segunda, atrelamos ambos os conceitos à situação específica da emigração brasileira. Por fim, na terceira, procuramos estruturar as características de ambos a partir de duas categorias interpretativas – 1. identidades e pertencimentos, e 2. visibilidades e reconhecimentos – a fim de potencializar processos a serem pensados a partir da importância da língua para seus falantes, em termos da ideia de comunidade de fala.

ORIGENS CONCEITUAIS E RELAÇÕES COM OS ESTUDOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS

Em estudo anterior (ElHajji; Escudero, 2017, p. 188), identificamos que a comunicação social, como área do conhecimento inserida nas ciências sociais aplicadas, possibilita “a apreensão dos processos migratórios em uma perspectiva dinâmica e volúvel, capaz de enfatizar as singularidades tópicas do elemento investigado em seu plano micro, sem perder de vista a totalidade do cenário e seu ângulo macro”. Isso ocorre porque sua matriz modular – aberta, flexível e interdisciplinar – permite compreender os processos comunicativos não apenas em suas dimensões técnica, discursiva e de produção de sentidos, mas também a partir da produção de dinâmicas e práticas socioculturais envolvidas. São emblemáticos, nesse sentido, os estudos de Martín-Barbero (1991), Beltrão (1980), Freire (1983), Kaplún (1998), Sodré (2014), entre outros.

É nesse quadro teórico-metodológico que passa a se desenvolver nos estudos acadêmicos, especialmente no Brasil e na América Latina, a partir dos anos 1990, o conceito de CI. De modo geral, aborda as práticas comunicacionais entre pessoas e grupos de diferentes contextos culturais, reconhecidos por marcadores identitários específicos (étnicos, nacionais, raciais, de gênero, confessionais etc.), com o objetivo de entender as diversas normas, os valores, os comportamentos e os modos de pensar, respeitá-los e se adaptar a eles, recriando significados e promovendo uma interação eficaz e significativa.

Surge a partir da noção antropológica de interculturalidade, bastante trabalhada por Canclini (1998, 2005). Para o autor, o termo interculturalidade (ou as “culturas híbridas”) remete a processos de interação e negociação entre diferentes sistemas socioculturais, nos quais a diversidade não é apenas aceita (como no caso da “multiculturalidade”), mas também se transforma em um projeto político e social que valoriza a interação e a capacidade de conviver com os outros por meio do cruzamento cultural. Envolve não apenas a coexistência, mas também a transformação e a negociação ativa de identidades em um mundo globalizado e heterogêneo.

Assim, enfatizamos neste texto a definição de CI de Asunción-Lande (s. d., p. 5, tradução nossa), que a considera como um

[...] processo de interação simbólica que inclui indivíduos e grupos que possuem diferenças culturais reconhecidas em suas percepções e formas de conduta, de tal maneira que essas variações afetam significativamente a forma e o resultado do encontro com o outro.

Pode ser reconhecida e empregada para estudos e transformações em diversos *loci* e grupos específicos, entre organizações empresariais, escolas e espaços educativos não formais, juventudes, mulheres, povos indígenas etc. Daí sua intrínseca relação com as identidades culturais, entendidas neste artigo a partir de Hall (2006, p. 88):

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

No caso do uso conceitual de CI para a compreensão dos estudos migratórios internacionais, em estudo realizado anteriormente (Escudero; Ávila; Amaral, 2024), pontuamos que ela vem sendo adotada e trabalhada não só por sua capacidade de auxiliar na compreensão da produção de dinâmicas e práticas socioculturais envolvidas nos processos de deslocamento humano, mas, sobretudo, por sua potencialidade para atuar na minimização dos impactos negativos da homogeneidade e/ou da segregação informacional nos processos globalizados, enfatizando a mobilização social, econômica, política e cultural dos membros do grupo migratório envolvido.

ElHajji (2023) chega a defender a CI como método adequado ao trabalho de análise e pesquisa da questão migratória internacional por dois motivos particulares. Em primeiro lugar, porque a experiência migratória (individual ou comunitária), constitui, *em si e per si*, uma situação tipicamente intercultural em seus aspectos mais manifestos e mais concretos. Em segundo lugar, diz respeito à noção de mobilidade, entendida em um contexto da teoria dos fluxos. Quando se considera um cenário global, marcado pela intensificação dos deslocamentos humanos, pela aceleração das trocas materiais/simbólicas e pela centralidade dos meios de comunicação e mídias eletrônicas (as TIC), é possível verificar o funcionamento da sociedade contemporânea muito mais do que por parte do olhar para suas estruturas, instituições e organizações estáveis. Tal perspectiva, também, vem sendo adotada por estudiosos do tema, como Cogo (2006), Brignol (2011), Curi (2023), Ávila (2022) etc.

Sujeito móvel, o migrante é necessariamente portador de interculturalidade e produtor de subjetividades híbridas. Seus deslocamentos físicos, sociais, culturais e subjetivos o impelem a aderir mental e corporalmente a uma multiplicidade de lugares e territórios, mergulhar sensível e inteligivelmente em suas realidades, traduzi-las e se deixar por elas envolver e traduzir. Entre trajetos (espaciais) e trajetórias (sociais), na diversidade e na adversidade, o sujeito migrante é levado a ressignificar as referências materiais e simbólicas que o interpelam para poder projetar-se narrativamente e construir-se socialmente. Ainda mais quando se considera a extraordinária reapropriação das TICs pelos migrantes, seu papel no redimensionamento da percepção da mobilidade humana e ressignificação das distâncias geográficas (ElHajji, 2023, p. 87).

Sobre o conceito de língua de herança (LH), tem-se que ele surgiu no campo da linguística, no Canadá, mas se desenvolveu, principalmente, nos Estados Unidos. De acordo com Flores e Melo-Pfeifer (2014), costuma ser compreendido no conjunto das chamadas “competências plurilíngues”, que envolvem ações, motivações e conhecimentos linguísticos, além de estratégias e práticas comunicativas e cognitivas desenvolvidas pelo sujeito, em um processo contínuo de formação e comunicação. Admite como sinônimo língua materna, língua de origem, língua minoritária, língua comunitária, língua de casa, entre outras denominações.

As autoras chamam a atenção para que, “apesar do crescimento galopante de estudos de linguistas sobre este tipo de falante, a definição deste conceito é

sobretudo sociológica” (Flores; Melo-Pfeifer, 2014, p. 18), relacionada à ideia de língua como um sistema de organização de um grupo social e, simultaneamente, de produção de subjetividades, uma vez que implica significados relacionados a território, identidades culturais, gerações e afetos. E foi justamente nos estudos migratórios que o conceito encontrou um campo frutífero e promissor para se consolidar.

Assim, na conjuntura das migrações internacionais, a relação língua e cultura tem sido bastante estudada na perspectiva de LH. De maneira geral, trata-se do esforço e das estratégias da população migrante no país de destino para “manter vivo” o uso da língua nativa/materna no ambiente familiar, com seus descendentes, ou no ambiente comunitário, especialmente no nível educacional local. No caso dos brasileiros no exterior, tal quadro é conhecido como português como língua de herança (PLH).

Para Moroni (2015), o PLH remete à ideia de português como língua hegemônica no Brasil, intrinsecamente associada às identidades nacionais brasileiras, e atua como um elemento que, por ser comum a muitos autodenominados brasileiros, gera identificação e um sentimento de unidade, de pertencimento, independentemente, inclusive, de diferenças geográficas regionais, prática e habilidade em outros idiomas locais (línguas indígenas, por exemplo), ou, de modo mais amplo, a marcadores sociais, como raça, etnia etc. Assim, o PLH aparece nas situações de deslocamento como um fenômeno a ser pensado “a partir da importância que a língua tem para seus falantes, notadamente em termos de identidade cultural e pertencimento à comunidade de fala” (Moroni, 2015, p. 52).

CI E PLH: MODOS DE COMPREENSÕES E APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EMIGRAÇÃO BRASILEIRA

No que diz respeito, especificamente, ao foco principal deste artigo – emigração brasileira –, sabe-se que há brasileiros vivendo, na atualidade, em mais de 115 países, sendo as maiores concentrações localizadas nos Estados Unidos (2.261.284), em Portugal (513 mil), no Paraguai (263,2 mil), no Reino Unido (230 mil) e no Japão (210,4 mil) (“Brasileiros no exterior: plataforma de dados sobre a emigração brasileira”, 2025). O número é crescente, e as estimativas mostram uma constância no aumento dessa população, ano a ano, pelo menos na última década.

ANO	QUANTIDADE DE BRASILEIROS VIVENDO NO EXTERIOR
2013	2.801.249
2014	3.105.922
2015 ¹	2.722.316
2016	3.083.255

(continua)

1 Trata-se do único ano da década que registra decréscimo. No entanto, como sabemos que as estimativas do Ministério das Relações Exteriores são calculadas com base na quantidade de atendimentos dos postos espalhados pelo mundo (e são, apenas, prognósticos), não há como saber se houve, nesse ano específico, de fato uma queda, ou se é uma inconsistência dos dados. De qualquer forma, como apenas em 2015 é registrada essa redução no período macro de dez anos, consideramos a alta uma constante.

ANO	QUANTIDADE DE BRASILEIROS VIVENDO NO EXTERIOR
2017	3.391.312
2018	3.590.022
2020	4.215.800
2021	4.404.255
2022	4.598.735
2023	4.996.951

Tabela 1 – Números estimados de brasileiros emigrados

Fonte: “Brasileiros no exterior: plataforma de dados sobre a emigração brasileira” (2025) a partir de dados do Ministério das Relações Exteriores.

Em um quadro de subjetividades, entendidas como uma construção resultante da desconstrução de oposições binárias hierárquicas (ser/nada, presença/ausência), conforme defende Derrida (1995, 2002), a saída geográfica e física definitiva dessas pessoas do Brasil não implica, necessariamente, uma ruptura de vínculos culturais e/ou quebra de laços afetivos. Pelo contrário. A perspectiva transnacional – considerada característica-chave das migrações internacionais e que, segundo Durand e Lussi (2015), foi a que mais influenciou o estudo da mobilidade humana nos últimos 20 anos – revela a transitoriedade da condição migratória, ou seja, *nem daqui nem de lá*.

A nova perspectiva [transnacional] assume que as migrações internacionais incluem, além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino, variadas formas de comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo também outros países. [...] O ponto central é que, mais do que pensar em migrantes como pessoas que nasceram em um país e agora se encontram em outro, o transnacionalismo sugere que se fale de transmigrantes; trata-se de uma transformação na perspectiva a partir da qual se olha, se lê e se interpreta a realidade da mobilidade humana e seus atores (Durand; Lussi, 2015, p. 47-49).

Para muito além do binômio *espaço-tempo* envolvido nos estudos migratórios, que não abordaremos neste estudo – para essa questão, ver, por exemplo, Sayad (1998), Di Cesare (2020) e Mezadra (2015) –, parte da bibliografia sobre a emigração brasileira, como Firmeza (2007), Sprandel (2010), Milanez (2013), Organização Internacional para Migrações (2022) e Escudero e Guedes (2023), aponta que é justamente nesse movimento de vivências e contatos em dois ou mais países diferentes que o brasileiro vem construindo novas identidades e novos significados, incorporando outros hábitos, costumes e tradições, e reelaborando formas de relacionamento e interações, em uma circulação e extensão constante de saberes e experiências favorecidos pelos preceitos da CI. Em outras palavras: no contato e na interação com outros territórios, pessoas e realidades – e reconhecimento de outras dinâmicas e características sociais envolvidas –, o migrante atua como catalisador para o intercâmbio intelectual e a partilha de competências, habilidades e conhecimentos, contribuindo para a formação de sociedades mais diversas, ricas e complexas.

O encontro entre o migrante e a sociedade de destino – e acrescentamos aqui o olhar para o país de origem a partir desse outro território – representa para o sujeito,

[...] antes de tudo, o contato entre uma multiplicidade de 'grades simbólicas', cuja compreensão e decodificação mútuas passam pela elaboração, improvisação ou bricolagem ad hoc de "dialetos híbridos", mutáveis, em constante atualização e substancialmente polissêmicos (ElHajji, 2023, p. 87).

Em outras palavras: pela CI, reconhece-se a heterogeneidade da população brasileira no exterior, bem como os diversos modos de expansão e ressignificação de elementos identitários relacionados à cultura do Brasil, entre eles, a língua portuguesa.

Com os fluxos emigratórios crescentes do Brasil para o exterior, não só a questão da CI ganha visibilidade, mas também a do PLH se torna mais latente, ampla e complexa. Segundo Mendes (2012), os emigrantes brasileiros tendem a manter as práticas de uso da língua portuguesa no ambiente familiar, ainda que de forma assistemática e irregular, mesmo que seus filhos tenham cada vez mais contato com a língua do país de destino, seja por meio da escola, seja por meio do convívio social. Tal cenário é verificado, também, em famílias de emigrantes do Brasil com filhos que já nasceram no exterior ou em casos de casamentos interculturais, quando o(a) brasileiro(a) se casa com uma(um) cidadã(ão) do país de destino ou de outros. Acredita-se que há uma manifestação de parte de famílias emigrantes

[...] pelo desejo de que os filhos criem ou mantenham vínculos afetivos com os familiares residentes no Brasil e pela necessidade de que haja entendimento entre as partes e bom trânsito no ambiente social quando visitam o País [...] [o que] tem motivado mais e mais famílias a procurar maneiras de proporcionar o aprendizado da língua portuguesa e da riqueza da cultura brasileira a seus descendentes (Lico, 2011, p. 1).

Para autores como Yonaha e Mukai (2017, p. 76) e Lico (2011), a relevância do PLH é notória em países com maior expressividade de número de brasileiros e melhores oportunidades socioeconômicas, como Estados Unidos, Japão, Canadá e Alemanha, e, acrescentamos aqui, de modo mais recente e particular (e, de certa maneira, curiosa), em Portugal. Apesar de, em tese, Portugal adotar o mesmo idioma, há diferenças nos níveis fonológico, lexical, sintático, morfológico, semântico etc., nos modos de fala e de escrita, que acabam por gerar implicações em termos de identificação e pertencimento.

Muito mais que o campo da educação (formal ou não formal), o PLH envolve, também, o associativismo e o campo das políticas públicas de caráter transnacional voltadas para a diáspora brasileira. Aliás, em trabalho sobre a implantação do Instituto Guimarães Rosa em 2022 – sobre o que discutiremos mais adiante –, Tavares (2025, p. 215) indica que ações do Estado brasileiro com vistas a ensinar o português aos filhos de brasileiros no exterior devem ser acompanhadas da mobilização dos grupos, buscando a conscientização de todos sobre a importância de manter a herança linguística e cultural e um sentimento de pertencimento: “Observa-se, ademais, que a diáspora brasileira está cada vez mais organizada para trabalhar pela preservação da identidade e da herança cultural brasileiras”.

Assim, destacamos na sequência exemplos de ações de PLH pelo mundo. É importante dizer que alguns deles se relacionam diretamente ao Ministério das Relações Exteriores (MRE), em um contexto de política pública externa e de vinculação e diplomacia cultural, notadamente em parceria com a comunidade².

Desde 2021, vêm sendo realizadas edições regionais e periódicas das Olimpíadas de Português como Língua de Herança (OPLH). Até 2025, são conhecidas quatro edições, ocorridas em diferentes países (Japão, Dinamarca, Suíça, Espanha, Estados Unidos etc.), promovidas por órgãos e representações diplomáticas ligados ao MRE, como consulados, embaixadas, Fundação Guimarães Rosa e associações de brasileiros no exterior – formais ou informais, entre eles o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE)³. A ação tem como objetivos:

- *Incentivar o interesse de crianças e adolescentes brasileiros no estudo da Língua Portuguesa, do Brasil e da sua cultura.*
- *Contribuir para a valorização da Língua Portuguesa e o fortalecimento da identidade nacional entre os estudantes.*
- *Fomentar a difusão da Língua Portuguesa como língua de herança e ampliar a cooperação com as associações brasileiras que atuam na área* (Ministério das Relações Exteriores, 2022).

Moroni *et al.* (2023, p. 16) defendem que, muito além dessas metas pontuais, a OPLH gera “principalmente, novas oportunidades e contextos de aprendizagem [da língua], seja pela possibilidade de se conhecer mais sobre o Brasil ao ler os textos selecionados para as provas, seja ao conversar com familiares” na preparação para as diferentes etapas.

Outra ação que merece destaque é um esforço na produção de material didático relacionado ao ensino-aprendizagem do PLH no exterior. Entre 2020 e 2023, a Fundação Alexandre Gusmão, ligada ao MRE, lançou a série “Propostas curriculares para ensino de português no exterior”, com materiais didáticos disponíveis em PDF e gratuitos com sugestões de ações e percursos para o ensino do português em unidades da rede de ensino do Itamaraty no exterior, em geral, e em países de língua oficial espanhola e das chamadas “línguas de média distância” (italiano, francês e crioulo haitiano, inglês, sérvio, holandês, finlandês, árabe e hebraico)⁴. Fazem parte desse conjunto, também, propostas do ensino do idioma para praticantes de capoeira, de literatura brasileira, por meio de obras ou histórias em quadrinhos.

Os guias curriculares permitem harmonizar o conteúdo dos cursos de português oferecidos pelos centros culturais e núcleos de estudos do Itamaraty no exterior que, juntamente com os leitorados, constituem uma rede de ensino de português criada há cerca de oitenta anos e que hoje atende milhares de alunos em diversos contextos (Fundação Alexandre Gusmão, 2025).

2 Por conta das limitações deste artigo, não aprofundaremos aqui os conceitos de política externa, política de vinculação, política transnacional, diplomacia e diplomacia cultural. De maneira superficial, estamos entendendo esse conjunto de ações como ferramentas de um Estado para alcançar seus objetivos de política externa, como promover o entendimento mútuo entre nações, melhorar a imagem do país no exterior e fortalecer relações políticas, culturais, econômicas e comerciais.

3 Mais informações estão disponíveis em: https://www.facebook.com/PaginadoCRBE/?locale=pt_BR. Acesso em: 8 dez. 2025.

4 Mais informações estão disponíveis em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/21-21-propostas-curriculares_para_ensino_de_portugues_no_exterior_oito_volumes_. Acesso em: 8 dez. 2025.

Registram-se, ainda, alguns pontos relacionados às edições do que ficou conhecido como “Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior – Brasileiros no Mundo”, organizadas pelo MRE, em conjunto com brasileiros que vivem em diversos países, de representantes do Congresso Nacional e da academia para discutir temas relevantes para os brasileiros que vivem fora do país – revelando iniciativas mistas relacionadas ao PLH e à sua adesão. Na ata da primeira edição, ocorrida no Rio de Janeiro, entre 17 e 18 de julho de 2008, observa-se a reivindicação dos seguintes pontos relacionados à língua portuguesa e ao seu acesso e à interação por parte dos emigrantes:

1. *Ações junto ao Ministério da Educação em benefício de brasileiros no exterior, como convênios com sistemas públicos de ensino para educação bilíngue (com fornecimento de material didático em português, mesmo em regiões de baixa concentração de brasileiros), oferta de cursos supletivos e celebração de acordos para facilitar o reconhecimento de diplomas obtidos no exterior. [...]*
6. *Apoio ao ensino da Língua Portuguesa em países de emigração brasileira.*
7. *Acesso a material didático e programas de formação e aperfeiçoamento de professores, bem como apoio para a habilitação de tradutores do português no exterior.*
8. *Valorização dos veículos de comunicação brasileiros no exterior, para melhor informação e educação das comunidades (“Ata Consolidada...”, 2008, p. 1).*

Mais recentemente, houve a criação do Instituto Guimarães Rosa, estabelecido pelo Decreto nº 11.024, de 31 de março de 2022, como unidade vinculada ao MRE responsável pela promoção do interesse nacional no campo da política externa por meio de ações nas áreas da cultura, da educação e da língua portuguesa no exterior⁵ (Ministério das Relações Exteriores, 2025).

Já com relação às organizações das sociedades civis (OSC) *de e para* brasileiros no exterior, há inúmeras ações envolvendo a língua portuguesa, desde seu aprendizado (formal ou informal, em escolas, associações, centros comunitários, igrejas etc.) em um contexto de PLH até sua prática cultural materializada em reuniões literárias e saraus, contação de história, celebrações diversas, apresentação de peças de teatro, sessões de cinema brasileiro, palestras etc. Uma atividade bastante conhecida no Brasil, graças ao registro de Moroni e Gomes (2015, p. 28), é o trabalho desenvolvido pela Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha (APBC), na Espanha:

A Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha é uma organização civil, sem fins lucrativos, que promove a língua e a cultura do Brasil na Espanha e fomenta a transmissão intergeracional desta língua e de seu legado cultural. Fundada em 2009 por um grupo de pais preocupados em transmitir a língua portuguesa e a cultura brasileira fora do Brasil, a APBC tem como objetivos fomentar a integração entre as famílias com crianças de origem brasileira; promover atividades socioculturais entre as famílias associadas; promover o ensino da língua portuguesa entre as crianças e o conhecimento da identidade e da cultura brasileira, através de seu projeto educativo-cultural; e promover a extensão, integração e intercâmbio cultural entre Brasil e Catalunha⁶.

5 Mais informações estão disponíveis em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/instituto-guimaraes-rosa>. Acesso em: 8 dez. 2025.

6 Referência trazida pelas autoras traduzida do estatuto da APBC, de 2009, escrito em catalão.

Há ainda iniciativas pontuais de brasileiros no exterior – que podem ou não estar relacionadas a alguma OSC, ainda que informal –, mas que se revelam importantes para o PLH. Trata-se de emigrantes que têm produzido livros infantis para filhos de brasileiros que vivem em outros países. De maneira geral, são obras escritas em português que trazem narrativas e enredos relacionados à cultura brasileira. A Figura 1 apresenta dois exemplos.

	
TÍTULO: <i>Ser brasileiro é...</i>	TÍTULO: <i>Lá no Brasil</i>
AUTORA: Amarilis Pereira (brasileira em Portugal)	AUTORA: Luciana Gomide (brasileira no Canadá)
SINOPSE: “Desfilar no Carnaval com sua fantasia favorita. Comer milho verde, paçoca e canjica. Brincar na praia o verão inteiro. Ser brasileiro é tão maneiro!” O livro apresenta algumas das tradições da cultura brasileira e seus valores, como a esperança e a persistência. Indicado para bebês, crianças, adolescentes e adultos.	SINOPSE: Livro infantil em português para crianças e famílias brasileiras que moram pelo mundo. O livro é uma história em rimas sobre o Brasil, escrito para brasileirinhos de certidão de nascimento ou com laços culturais com o Brasil.

Figura 1 – Exemplos de literatura infantil produzidos por autoras brasileiras no exterior, em português

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados dos livros.

Por fim, com relação aos usos e às apropriações das TIC, as ações são igualmente diversas: uso de perfis e páginas das redes sociais digitais para promoção de *lives*, palestras e encontros virtuais; canais de vídeo mantidos pelos chamados *influencers* ou brasileiros que compartilham suas rotinas profissional e pessoal em outros países; troca de informações e notícias sobre a realização de eventos culturais relacionados aos diversos grupos de brasileiros espalhados pelo país; espaços virtuais destinados à venda e troca de livros; repositórios de obras clássicas da literatura brasileira, entre outras ações que podem ser compreendidas por meio do conceito trabalhado anteriormente (ElHajji; Escudero, 2020) de *webdiáspora*: espaços virtuais construídos na *web*, de e para imigrantes (*sites*, *blogs*, *fóruns*, comunidades e páginas próprias inseridas em redes sociais digitais etc.), que vão muito além de características funcionais para a troca de informações pontuais, caracterizada pela agilidade e abrangência⁷.

⁷ Admitem-se como sinônimos: e-diáspora, diáspora digital, comunidades virtuais de migrantes etc.

Ao envolver aspectos midiáticos mais amplos de ordem intercultural e multiteritorial, acabam por servir como recurso para interação e compartilhamento dos vínculos sociais, no qual os fluxos informacionais são capazes de construir não só uma identidade diaspórica, mas por participar da negociação de direitos cidadãos e garantir a emergência de uma cidadania global (ElHajji; Escudero, 2020, p. 24).

CI E PLH: ORGANIZAÇÃO, ATRAVESSAMENTOS E IMPLICAÇÕES POSSÍVEIS

Conforme visto nas duas primeiras partes deste artigo, de forma isolada, os conceitos de CI e de PLH, quando aplicados ao contexto das migrações internacionais – em especial na questão da emigração brasileira, foco deste estudo –, apresentam pontos em comum, entre eles: apropriações e necessidades de recursos técnicos e discursivos, produção e ressignificação de sentidos e práticas socioculturais, trocas reais e simbólicas, além de circulação e extensão constante de bens, saberes e experiências. Procuramos mostrar, de forma interdisciplinar, como o ato de migrar para outro país implica conexões, mobilidades e interacionismos favorecidos por aspectos transnacionais, interculturais e de subjetividades em torno da comunicação e do uso da língua.

Dessa forma, direcionamos a revisão de literatura a partir de agora de forma a fundamentar teoricamente nosso objeto de estudo na tentativa de compreender criticamente seus significados. Assim, estruturamos as características da CI e do PLH a partir de duas categorias interpretativas – 1. identidades e pertencimentos; e 2. visibilidades e reconhecimentos –, a fim de pensarmos a língua e a comunicação como sistemas de organização e vinculação do grupo envolvido no caso dos brasileiros no exterior – ainda que seja preciso considerar heterogeneidades e assimetrias envolvidas.

1) Nível das identidades e pertencimentos

- Permitir que o brasileiro conheça suas práticas culturais de origem, não só no que se refere aos aspectos linguísticos, mas também no que concerne ao rico conteúdo cultural do Brasil que comunica por meio de sua língua.
- Desenvolver a consciência de que a comunicação em sua língua materna, bem como o aprendizado da língua do país de destino, é saudável para a desconstrução de oposições binárias hierárquicas.
- Passar a evitar generalizações acerca de outras culturas, sensibilizando-se para o princípio da relatividade cultural, ou seja, que cada cultura é única e suas premissas são tão válidas quanto qualquer outra.
- Adotar atitudes abertas a mudanças, exercendo a criatividade para respostas rápidas, adaptação constante e ajustes espontâneos às necessidades, principalmente dos atos comunicativos e linguísticos envolvidos.
- Contribuir para as trocas de conhecimento e afetos entre gerações, essencial para a continuidade do processo migratório a partir do Brasil.

2) Nível das visibilidades e reconhecimentos

- Atuar como agentes promotores de variados aspectos da cultura brasileira (não só da língua) entre pessoas e países diferentes.

- Ser incentivadores constantes dos princípios de fortalecimento de uma comunidade brasileira no exterior, unida e representativa, ainda que repleta de contradições e confrontos comuns ao bojo das relações sociais (internas ou externas).
- Ao interagir com seus pares, aprender a lidar com conflitos potenciais, de modo a desenvolver questões de empatia e alteridade e, no caso do ambiente familiar, também, estreitar laços emocionais e afetivos com cônjuges e descendentes.
- Ser reconhecidos no país de destino pela possibilidade de transportar as contradições sociais existentes no Brasil materializadas em práticas culturais, como música, dança, culinária, vestuário, crenças, celebrações etc., e não estereótipos ou estigmas típicos do desconhecimento e preconceitos em relação ao Brasil.
- Chamar a atenção do Estado brasileiro e dos governos dos países onde estão localizados para suas demandas e necessidades, sendo capazes de lutar por direitos de cidadania no nível transnacional, combatendo a exclusão e o apagamento.

Evidentemente, os desafios para a concretização de tais características são múltiplos e, de maneira geral, correspondem, basicamente: 1. às condições da saída do Brasil (regular, ordenada e desejada); 2. ao tempo de migração; 3. à inserção no país de destino, no que se refere, principalmente, a aspectos laborais. Além disso, é preciso considerar a não linearidade do deslocamento – não necessariamente de um país para ou outro, mas que envolve outros destinos de trânsito. Outra questão é o aspecto político envolvido: a prática da CI e um programa de PLH precisam ser vislumbrados a partir de uma perspectiva crítica que questione lógicas de assimilação e colonialidade (que reduzem ambos a uma mera tolerância e coexistência pacífica de diferentes práticas culturais, sem uma real compreensão e um real aprofundamento nas diferenças e especificidades de cada cultura). Por fim, entender que, na complexa heterogeneidade do grupo, nem todos se mostram aptos a participar dessa comunidade de fala, entendendo o conceito de comunidade, a partir de Tönnies (2001), como uma forma de vida social orgânica, baseada em laços naturais e sociais, íntimos e espontâneos. Contudo, considerando também uma perspectiva crítica, por meio da qual seja reconhecido que nem todos os sujeitos se sentem parte de um todo, compartilhando um destino comum fixado em elementos identitários, no caso dos brasileiros no exterior, no *locus*: nação, território e idioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, com o presente artigo, abordar as correlações entre os conceitos de CI e PLH, quando inseridos no contexto das migrações internacionais. De maneira resumida, interessou-nos verificar de que forma ambos se articulam no que se refere à situação de brasileiros que vivem no exterior, especificamente na potencialidade de construção de identidades, no sentimento de pertencimento, nas condições de visibilidade e nas lutas por reconhecimento. Para isso, fizemos um estudo de abordagem qualitativa e natureza exploratória baseado em pesquisa bibliográfica.

Entre os principais resultados, apontamos para a existência de uma matriz comum entre ambos os conceitos de séries e recursos (materiais e simbólicos) a partir do entendimento da língua e da comunicação como sistemas de organização e vinculação de um grupo social. Tal modelo é capaz de fomentar, com as devidas ressalvas, potencialidades em relação à integração do brasileiro no país de origem e de destino, em aspectos transnacionais, interculturais e de subjetividades. Afinal, são as estruturas de comunicação e linguagem do grupo que não só garantem sua coesão interna, mas também expõem suas singularidades em relação a outras formas de organização social que, justamente por isso, promovem sua apreciação e seu reconhecimento.

Evidentemente, o trabalho apresenta uma série de fragilidades⁸. No entanto, reforça-se que a construção de identidades, pertencimentos, visibilidades e reconhecimentos em torno de situações de deslocamento internacional e práticas linguísticas exige o desenvolvimento de mecanismos que garantam a transmissão intergeracional de significados e valores. Não se trata de imposições ancoradas em fronteiras e soberanias em sua concepção, mas de um grupo de pessoas que compartilha uma língua comum – entre tantas possibilidades – atrelada a um conjunto de normas e expectativas sobre o uso dessa língua em um contexto de interação comunicacional.

INTERCULTURAL COMMUNICATION AND PORTUGUESE AS A HERITAGE LANGUAGE IN BRAZILIAN EMIGRATION CASE

Abstract: This paper examines the correlations between intercultural communication (IC) and Portuguese as a heritage language (PLH) from a theoretical-methodological perspective linked to international migration. After conducting bibliographic research focused on Brazilians abroad, we highlight the existence of a common matrix of series and resources between the two concepts that forms a system of organization and connection for the studied group, capable of improving, though with caveats, the construction of identities, belonging, visibility, and recognition.

Keywords: Intercultural communication. Portuguese as a heritage language. Brazilians abroad. International migrations. Identities.

REFERÊNCIAS

ASUNCIÓN-LANDE, N. C. Comunicación intercultural. [s. d.]. Disponível em: https://comunicandoparaeldesarrollo.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/04/lectura-1_importancia-de-la-ci.pdf. Acesso em: 3 fev. 2025.

ATA CONSOLIDADA da I Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior – “Brasileiros no Mundo”. Rio de Janeiro, 17 e 18 de julho de 2008. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Comunidades_brasileiras_exterior/deliberacoes_1_conferencia_comunidades_brasileiras_exterior.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

8 Outros estudos sobre o tema que envolvam pesquisa de campo, principalmente (observação, entrevistas, grupo focais etc.), são essenciais para a real aplicação da CI e da prática do PLH e suas efetivas implicações. Outro ponto se refere aos conceitos trazidos para o debate, que podem (e devem) ser ampliados à luz dos estudos de fronteiras, gênero, redes migratórias, modelagens demográficas etc., reforçando a natureza interdisciplinar dos estudos migratórios.

ÁVILA, O. C. *Autoapresentação, performatividade e testemunho na Internet: a webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante*. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASILEIROS no exterior: plataforma de dados sobre a emigração brasileira. Disponível em: <https://www.brasileirosnoexterior.org>. Acesso em: 3 fev. 2025.

BRIGNOL, L. D. Uso da internet rumo a uma cidadania comunicativa: um estudo sobre redes sociais de migrantes latino-americanos em Barcelona. In: MALAMUD, A.; FLÓREZ, F. C. (org.). *Migrações, coesão social e governação: perspectivas euro-latino-americanas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 207-232.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

COGO, D. *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro: E-Papers; Brasília: CSEM, 2006.

CURI, G. *O Mahjar é aqui*. A comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DI CESARE, D. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Belo Horizonte: Âyinê, 2020.

DURAND, J.; LUSSI, C. *Metodologia e teorias no estudo das migrações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ELHAJJI, M. *O intercultural imigrante*. Porto Alegre: Fi, 2023.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. A contribuição da comunicação para os estudos migratórios. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 14, n. 26, 2017. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/416>. Acesso em: 28 out. 2024.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. *Webdiáspora.br: migrações, TICs e identidades transnacionais no Brasil*. Porto Alegre: Fi, 2020.

EMBAIXADA do Brasil em Copenhague. Edital nº 002/2023 – III Edição das Olimpíadas de Português como Língua de Herança, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-copenhague/setor-cultural-1/difusao-da-lingua-portuguesa/edital-oplh-2023.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ESCUDERO, C.; ÁVILA, O. C.; AMARAL, A. C. do. Espaços de comunicação intercultural: o caso da plataforma de dados brasileiros no exterior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. *Anais [...]*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/101020241310136707fc65ea4fd.pdf. Acesso em: 11 set. 2025.

ESCUADERO, C.; GUEDES, A. B. Encceja no exterior: interações, complexidade e desafios de uma política pública intersetorial na dinâmica da emigração brasileira. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 31, n. 69, p. 129-151, 2023.

FIRMEZA, G. T. *Brasileiros no exterior*. Brasília: Funag, 2007.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “língua de herança” na perspectiva da linguística e da didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. *Domínios de Linguagem*, v. 8, n. 3, p. 16-45, 2014.

FREIRE, P. *Extensão e comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE GUSMÃO. Site oficial. Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/funag>. Acesso em: 12 ago. 2025.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAPLÚN, M. *Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

LICO, A. L. Ensino do português como língua de herança: prática e fundamentos. *Revista SIPLE*, v. 2, n. 1, 2011.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálisis*, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2025.

MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura e hegemonía*. México: Editorial Gustavo Gilli, 1991.

MENDES, E. Vidas em português: perspectivas culturais e identitárias em contexto de português língua de herança (PLH). *Platô*, v. 1, n. 2, p. 20-31, 2012.

MEZADRA, S. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XXIII, n. 44, p. 11-30, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042021002.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

MILANEZ, L. C. B. M. *Brasileiros no exterior: formulação de política externa e formação de comunidades*. 2013. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. “Comunidade brasileira no exterior – estatísticas 2023. Brasília, 24 jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidade-brasileira-no-exterior-estatisticas-2023>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Site oficial. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Português como língua de herança. Brasília, 2 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-ottawa/noticias/portugues-como-lingua-de-heranca.m>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MORONI, A. Português como língua de herança: O começo de um movimento. In: JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Português como língua de herança: a filosofia do começo, meio e fim*. Nova York: Brasil em Mente, 2015.

- MORONI, A.; GOMES, J. de A. O português como língua de herança hoje e o trabalho da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha. *Revista de Estudos Brasileños*, n. 2, v. 2, p. 21-35, 2015.
- MORONI, A. S.; VIZENTINI, M. M.; TANAKA, L. M.; MCCARTHY, R. P. Olimpíadas do Português como Língua de Herança: relato de experiência e desafios. *Horizontes de Linguística Aplicada*, n. 22, v. 2, p. 1-19, 2023.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES. Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável. Brasília: OIM, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2025.
- ROSA, J. G. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SPRANDEL, M. A. Breve análise da relação entre o Estado brasileiro e seus emigrantes. In: FERREIRA, P. A. et al. (org.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- TAVARES, J. L. V. *A criação do Instituto Guimarães Rosa: desafios e oportunidades para a difusão da língua portuguesa no exterior*. Brasília: Funag, 2025.
- TÖNNIES, F. *Community and civil society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- YONAH, T. Q.; MUKAI, Y. Um estudo de caso sobre o português como língua de herança (PLH) nas cidades de Suzuka e Sakai, Japão. *Horizontes de Linguística Aplicada*, n. 16, v. 2, p. 75-100, 2017.